

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Aridiane Rosa

**HISTÓRIAS DE VIDAS E SUAS POSSIBILIDADES DE SENTIDOS E
RE (ENCONTROS): TRAJETÓRIAS À LUZ DA OFICINA DE
TRABALHO E GERAÇÃO DE RENDA EM UM CAPS II**

Santa Maria, RS
2019

Aridiane Rosa

**HISTÓRIAS DE VIDAS E SUAS POSSIBILIDADES DE SENTIDOS E RE
(ENCONTROS): TRAJETÓRIAS À LUZ DA OFICINA DE TRABALHO E
GERAÇÃO DE RENDA EM UM CAPS II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Terapia Ocupacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof^ª Me. Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi

Santa Maria, RS
2019

Aridiane Rosa

**HISTÓRIAS DE VIDAS E SUAS POSSIBILIDADES DE SENTIDOS E RE
(ENCONTROS): TRAJETÓRIAS À LUZ DA OFICINA DE TRABALHO E
GERAÇÃO DE RENDA EM UM CAPS II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Graduação de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

Aprovado em 16 de julho de 2019:

Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi, Me. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Amara Lucia Holanda Tavares Battistel, Dra. (UFSM)
(Comissão Examinadora)

Santa Maria, RS
2019

DEDICATÓRIA

As minhas queridas colaboradoras desta pesquisa, com nomes fictícios de Hortência e Margarida, agradeço a dedicação, doação e comprometimento com este estudo, foi um prazer imenso estar com vocês... Este trabalho é fruto de vocês! E destinado a todos nós...

AGRADECIMENTOS

Agradecer é pouco o que se resume tudo isso, chegar até aqui e fechar um ciclo de um sonho se realizando em meio a tantas pedras encontradas no caminho, mas que foram necessárias para então diminuir os passos, respirar, analisar e assim, explorar outros ‘lugares’...

Agradeço profundamente a Universidade Federal de Santa Maria que me acolheu e me proporcionou profundas experiências humanas e científicas, durante o meu percurso de formação profissional.

A orientadora Bianca, “Bia”, colaborando na construção deste trabalho e inspirando-me com doses de coragem, sabedoria, ética e delicadeza neste percurso, muito obrigada.

Aos Professores, técnicos, colegas (em especial Johnatan, Marília, Sinara e Thuani) e demais pessoas que de alguma forma, trilharam o meu caminho.

As minhas amigas Daniele e Eliane, obrigada pelo apoio e carinho.

Ao meu amor e companheiro Fladimir, que diante de tantos desafios nos quais passamos juntos, esteve presente nesta jornada e aos meus queridos e amados irmãos: Rodrigo, Felipe, Cícero e Cecilia, pessoas que sempre me apoiaram em diferentes momentos e contextos da vida, impulsionando-me a querer seguir nesta trajetória.

RESUMO

HISTÓRIAS DE VIDAS E SUAS POSSIBILIDADES DE SENTIDOS E (RE) ENCONTROS: TRAJETÓRIAS À LUZ DA OFICINA DE TRABALHO E GERAÇÃO DE RENDA EM UM CAPS II.

AUTORA: Aridiane Rosa

ORIENTADORA: Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi

No paradigma da reforma psiquiátrica e da reabilitação psicossocial, as oficinas em saúde mental possibilitam potentes catalisadores na direção da inclusão social, autonomia e identidade dos sujeitos envolvidos. Com isso as histórias de vidas são carregadas de caminhos, podendo ser (re) contadas, trazendo em si novos sentidos de vida. O objetivo deste estudo nos conduz acompanhar e realizar as entrevistas das histórias de vida dos usuários da oficina de geração de trabalho e renda no CAPS II Prado Veppo, localizado no município de Santa Maria/RS. Pesquisa realizada a partir da observação participante da pesquisadora, metodologia da História Oral de Vida de Meihy e Holanda (2007). O método consiste nas etapas das entrevistas gravadas em áudio, analisadas em categorias e embasadas nos autores. Pesquisa aprovada pelo comitê de ética CAEE: (05332918.7.0000.5346). Os resultados obtidos foram divididos em três categorias de análise, nas quais expressaram maior ênfase nas histórias de vidas dos sujeitos do estudo. Ao tornar visível às potencialidades implícitas através das histórias de vidas, corroboramos para que sejam um importante acesso para despertar nas pessoas possíveis mudanças na transformação de sentidos de vida, esses contidos na sociedade dos cotidianos desassistidos.

Palavras-chave: Saúde Mental. Histórias de Vida. Oficina de Geração de Trabalho e Renda.

ABSTRACT

LIFE STORIES AND THEIR POSSIBILITIES OF SENSES AND (RE) MEETINGS: ROUTES ENLIGHTEN BY THE WORKSHOP AND PROFIT CREATION IN A CAPS II.

AUTHOR: Aridiane Rosa

ADVISOR: Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi

In the psychiatric reform and psychosocial rehabilitation paradigm, the mental health workshops allow powerful catalysts towards the social inclusion, autonomy and identity of the individuals involved. With this, the life stories are filled of ways and can be (re) told, bringing in it new life senses. The objective of this study lead us to follow and carry out the life stories interviews of the profit and works creation workshop in the CAPS II Prado Veppo, locate at Santa Maria/RS city. Research carries out from the participant observation of the researcher, methodologies from the História Oral de Vida by Meihy and Holanda (2007). The method consists in the audio recorded interview steps, analyzed in categories and based on the authors. Research approved by ethic committee CAEE: (05332918.7.0000.5346). The obtained results were divided into three categories of analysis, which express larger emphasis on the life stories of the study's subjects. By making the implicit potentialities visible through the life stories, we affirm those to be an important access for arouse in people possible changes on the life senses transformation, those contained in the society of the ever day's unwatched.

Keywords: Mental Health. Life Stories. Profit and Works Creation Workshop.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	METODOLOGIA.....	11
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
5	REFERÊNCIAS.....	30
6	ANEXOS.....	31
7	ANEXO A- NARRATIVAS DE HORTÊNCIA.....	31
8	ANEXO B- NARRATIVAS DE MARGARIDA.....	38

INTRODUÇÃO

A partir deste estudo que traz um recorte na área da saúde mental, buscaremos ilustrar neste percurso, as possíveis conexões existentes quanto aos aspectos significativos de produção de vida de pessoas em sofrimento psíquico e social, através das histórias de vidas e de suas participações em uma oficina de Trabalho e Geração de Renda, em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II). Essa peculiar ferramenta acampada no serviço, encontra-se em complexas etapas de experimentação, mas que aos poucos vai incorporando formas para se arriscar e assim possibilitar ir além das fronteiras da clínica do cuidado, como proposto pelas diretrizes políticas que o norteiam.

Enquanto dispositivos clínicos, os CAPS, são produtos da incomensurável batalha sem manicômios, espelhada na luta da Itália, mas no Brasil, teve início nos anos de 1970. Desse movimento instaurou-se a Reforma Psiquiátrica de Paulo Delgado, Lei nº 10.216 de 2001: “Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.” (BRASIL, 2004, p.17).

Conforme Saraceno (2011, p.99), “A cidadania é uma forma de tolerância que não é baseada na vontade nobre de uma minoria iluminada, mas, sim, na capacidade de organização dos recursos e das instituições que existem na comunidade.” Assim, embora muitos dos direitos ainda estejam sendo conquistados ao longo da história da psiquiatria e da relevância de suas implicações na realidade do território existencial dos sujeitos, compostos de rupturas ou vulnerabilidades de ordem psíquica, familiar, social e econômica, como parte de um processo fragmentado da sociedade, onde ainda se é comum ter esses direitos infringidos: E o autor em outra passagem nos convoca a refletir: “Não queremos cidades sem os diferentes, mas sim os diferentes nas cidades [...]” (SARACENO, 2011, p.98).

Ao incluir as pessoas na sociedade para que as mesmas desfrutem dos bens e serviços oferecidos pelas políticas públicas tem sido um desafio destes campos que se fundem na saúde mental e do trabalho, o que corroboram com o pensamento de Lussi e Pereira (2016, p.375), pois definem a economia solidária como um dos caminhos históricos enquanto via de alternativa laboral para os processos inclusivos às oportunidades que tangem a vida, mas que passa por constantes lutas e transformações sociais desde seu princípio na Europa do século retrasado.

Dessa importante ferramenta, a geração de trabalho e renda é um dos parâmetros psicossocial que visam instigar transformações significativas nas diferentes esferas da vida humana. O que nos provoca a refletir aspectos relacionados às trajetórias de vidas, quando

carregadas de marcas simbólicas de sofrimento, mas também de potencialidades para ser identificadas e cultivadas no processo subjetivo e coletivo dos mesmos. São nesses encontros que as histórias de vidas ganham destaque, pois transcorrem caminhos que possibilitam a iniciativa de diálogos necessários de vida: “Quem conta uma história, faz necessariamente apelo a sua memória e a trabalha para dar inteligibilidade à experiência e para ressignificar o vivido [...]” (SILVA; BARROS, 2010, p.69).

Neste sentido a proposta de Trabalho e Geração de Renda em uma oficina de saúde mental, se caracteriza por um espaço de acolhimento, sustento de autonomia e compartilhamentos de afetos entre os sujeitos. Para Lussi e Pereira (2016), a temática do trabalho a partir do viés da reabilitação, torna-se um potente instrumento quando promove e encoraja mudanças e oportunidades de vida e de saúde às pessoas que carecem estar assistidas na (re) construção de seus propósitos de vida, sendo elementos essenciais na busca desse processo.

O que viabilizam, portanto, processos laborais para se (re) inserirem socialmente a partir de experimentações de trabalho e renda que propõem para o sujeito, ser o centro de suas escolhas, corroborando com o pensamento a seguir: “[...] a concepção de trabalho está diretamente interligada ao resgate de sentimentos, de atitudes, de habilidades e de capacidades que anteriormente se viam apagadas.” (LUSSI, 2009 apud LUSSE; MORATO, 2012, p. 370).

Quando nos remetemos aos contextos para se chegarem a um maior propósito desta pesquisa, as histórias de vidas dessas pessoas, então aprofundamos o nosso olhar sobre o prisma do lugar de onde, quando e como são contadas essas narrativas, embasadas no método de Meihy e Holanda (2007), que serão discutidas ao longo deste trabalho e que nos possibilitam sustentar as reflexões que se seguem.

Com relação aos questionamentos fundamentais desta pesquisa, se destacam as seguintes ações: *Como os aspectos relacionados às histórias de vidas dos usuários que participam da oficina se tecem em meio às etapas desse fazer? Que potencialidades de vida podem ser encontradas no decorrer destas narrativas?*

A investigação desta pesquisa justifica-se pela necessidade e potência que as histórias de vida, pertencentes aos sujeitos, sejam como um ápice enquanto processo de reabilitação psicossocial, ao possibilitar a ampliação ou ressignificação dos repertórios de vida para percorrer caminhos que façam sentido no cotidiano dos mesmos. E ainda possibilitar que este material venha a contribuir como ferramenta teórica e prática em saúde mental.

Em continuidade do presente estudo, buscamos como objetivo principal, acompanhar os usuários da oficina de trabalho e geração de renda a partir das histórias de vida e

de participação na oficina. Entre os objetivos específicos destacamos: Identificar e acolher as possíveis demandas vindas dos usuários e ainda, registrar as narrativas das histórias de vida desses participantes e finalmente apresentar e discorrer quanto aos processos relacionados aos relatos de trajetórias de vidas e participações dos usuários no dispositivo clínico.

METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou a metodologia de abordagem qualitativa do tipo pesquisa participante e como instrumento para coleta de dados a entrevista de história oral de vida e a observação participante na oficina de geração de trabalho e renda. No arcabouço do método da história oral de vida, Meihy e Holanda (2007) referem o discurso dos sujeitos imersos em suas próprias histórias de vidas e dos sentidos que são atribuídos pelos mesmos, nesses encontros.

Para isso a pesquisadora participou de uma oficina em saúde mental, denominada “Uma boa ideia”, vinculada a um projeto de pesquisa: Oficina Geração de Renda e Trabalho para Pessoas em Situação de Vulnerabilidade Social e Sofrimento Psíquico, de uma universidade federal, situada no Centro de Atenção Psicossocial do tipo II, na região central do RS. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria, através do CAEE: (05332918.7.0000.5346), no qual foi estendido e deliberado eticamente para a inclusão nesta pesquisa.

Os sujeitos integrantes deste estudo são usuários do Centro de Atenção Psicossocial CAPS II Prado Veppo, participantes da oficina de trabalho e geração de renda, sendo atualmente composta por nove usuários, de ambos os gêneros, sendo dois homens e sete mulheres, além de uma coordenadora, psicóloga do serviço, uma residente de terapia ocupacional, duas estagiárias de terapia ocupacional e esporadicamente de acadêmicos e profissionais observantes que circulam no serviço. Quanto à inserção dos participantes na oficina, surgiu a partir das demandas e pretensões dos mesmos, estando aberta a novos participantes, sinalizados pelos profissionais de referência.

Quanto ao local da oficina, a mesma ocorre na cozinha do CAPS Prado Veppo, uma vez por semana, fixado nas quintas-feiras e com duração de tempo em média de três horas consecutivas, além disso, é estendida a outros espaços da cidade, conforme as demandas e oportunidades que se apresentam ao coletivo.

A presente pesquisa consiste nas narrativas das histórias de vidas dos usuários, intermediados pelas entrevistas além do acompanhamento dos mesmos na oficina de geração

de trabalho e renda. Ao longo deste estudo foram realizados nove encontros, no período correspondente de abril a junho de 2019.

O estudo compreendeu dois momentos: Em uma das fases a pesquisadora participou aleatoriamente dos encontros na oficina, pois conciliava com a orientação da pesquisa que coincidia com o dia da semana e horário com que a mesma ocorria. Em outro momento os encontros foram realizados semanalmente fora da oficina, sendo direcionados aos usuários do estudo.

Os dados coletados consistiram na observação participante da pesquisadora inserida na oficina, na qual acompanhou a relação dos sujeitos da pesquisa na dinâmica do coletivo, nos espaços de convivência, nas trocas sociais, na problematização de conflitos, nos processos de transformação dos ingredientes em alimentos produzidos no local e nos movimentos gerados quanto aos destinos desses produtos. A partir disso houve o convite que se estendeu a todos os usuários para participar da presente pesquisa, na qual foi explanada as etapas do processo e os procedimentos éticos o que se subentende a importância de fortalecer o exercício de cidadania, sendo um direito democrático, característico da reforma psiquiátrica.

Entre os nove presentes usuários, foram selecionados dois que estavam mais inclinados a participar do estudo, somente foi possível para a acadêmica realizar este trabalho, devido a vivência no semestre anterior, enquanto estagiária de terapia ocupacional, envolvida em ações de núcleo e campo no serviço substitutivo de saúde mental, onde o vínculo é um elemento essencial durante esse processo.

De acordo com Silva e Barros (2010), a metodologia se delineia nas entrevistas que se articulam entre si nas etapas de pré-entrevista, entrevista propriamente dita e pós-entrevista, descritas ao longo desta pesquisa. Assim iniciou-se a etapa da pré-entrevista, onde houve esses primeiros contatos com a oficina e aproximação das usuárias implicadas na pesquisa. De tal modo, foram explicadas às colaboradoras da pesquisa os próximos rumos do estudo e em acordo por constantes devolutivas que concordaram em participar da pesquisa.

Na entrevista propriamente dita, optou-se por realizá-la individualmente com as participantes, considerando o tempo de pesquisa em campo e na incompatibilidade de horários entre as mesmas. Cada encontro teve a duração de aproximadamente 25 minutos.

Quanto ao registro das narrativas a ferramenta utilizada foi à gravação em áudio, admitido pelas colaboradoras do estudo que durante esse processo apresentavam-se em plenas condições de participar ativamente das entrevistas e assim o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE sofreu adaptação com acréscimo nominal da presente pesquisa e dessa maneira, os termos foram entregues às participantes do estudo.

Quanto aos critérios inclusivos utilizados para se ter acesso aos sujeitos da pesquisa foram: Ser usuário do CAPS e participante da oficina de trabalho e geração de renda, ser voluntário na pesquisa e ainda ter disponibilidade em estar presente no serviço de saúde mental em outros dias da semana, diferente do horário em que ocorre a referida oficina. As usuárias da pesquisa participam de outras oficinas e grupos que ocorrem no serviço, estando as mesmas presentes no decorrer de todas as semanas, o que de fato viabilizou os encontros.

Em relação aos critérios de exclusão identificados na pesquisa, a não participação dos usuários na oficina, constitui-se elemento central para atender esses requisitos.

Os encontros ocorreram nas dependências do CAPS, com predomínio no pátio do local, que possui uma ampla área e disponível no momento das entrevistas, considerando o constante fluxo de demandas do serviço. No entanto acordamos que as entrevistas seriam interrompidas caso houvesse a interferência de terceiros ou na presença da desordem psíquica das usuárias, durante as narrativas das trajetórias de vidas.

Com o material em mãos e adotado o método da pós-entrevista, o estudo passou por procedimentos que consistem nas etapas de transcrição, textualização e transcrição proposto por Meihy e Holanda (2007) e descrita a seguir: Para o primeiro processo, o ato de transcrever requer um trabalho minucioso por parte do pesquisador, ao descrever as informações contidas nas narrativas, seguindo um padrão sistêmico de como as mesmas se apresentam. Nessa fase, o acesso ao conteúdo das narrativas abrangeu as perguntas e respostas que suscitaram em elementos contidos nessas entrelinhas, como as pausas necessárias nesses encontros, também contidas nos silêncios, nas interrupções, nas emoções e demais aspectos que se apresentavam em meio as cenas das histórias de vidas.

Em seguida vem à textualização, momento em que há transformação no conteúdo das entrevistas, de modo a favorecer os entendimentos e articulações que serão necessárias para adaptar o texto conforme a necessidade e demandas apresentadas no decorrer do estudo.

Nesse contexto, optou-se em preservar integralmente as informações fornecidas pelas colaboradoras, destacando-se dos questionamentos nas narrativas. Também foi o momento de reter as percepções produzidas pela pesquisadora, através de um diário de campo, afim de serem utilizadas no decorrer do conteúdo investigativo.

E por fim, a transcrição, procedimento que exigiu tempo e vigília em sua transição, na repetição de escutas vindas dos áudios gravados, de modo a compreender fielmente o que estava sendo exposto ali. É também o momento em que há o desfecho de todo esse conteúdo que se configura na devolutiva dos processos da coleta desses materiais, no compartilhar e no cuidado direcionado quanto à legitimidade dessas informações, a serem transmitidas e

pactuadas com as colaboradoras. Para isso, os textos foram impressos e entregues a cada integrante do estudo, além da leitura de cada material, ocorrido nos encontros individuais, onde as histórias se mantiveram intactas pelo aval das participantes, sendo anexado na pesquisa somente após o consentimento das mesmas.

Salientamos que nesse texto, fez-se a opção de apresentar o texto na fase de transcrição, para melhor visualização das questões formuladas e do processo da entrevista na íntegra.

Acerca da contribuição aos dados da pesquisa, o acesso aos prontuários, o contato com os profissionais de referência e participação na reunião de equipe foram componentes fundamentais para essa articulação, onde foram considerados mínimos os riscos da pesquisa, ao se referir aos cuidados que foram concedidos as usuárias de saúde mental em meio às fases das entrevistas e sem comprometer a participação das mesmas na dinâmica das atividades.

Diante desse desfecho é importante destacar que as entrevistas foram transcritas na íntegra, onde se abandonou os critérios ortográficos dos discursos dos participantes, visando à autenticidade das informações fornecidas pelas colaboradoras deste estudo.

No arranjo dessa metodologia, a pesquisa foi resultado de um trabalho de campo, em um serviço de saúde mental, o que possibilitou entrarmos em contato com o local e os sujeitos da pesquisa, o que corrobora com uma maior aproximação na realidade dos fatos e assim evidenciar outro olhar para embasar teoricamente este material.

Assim anunciamos o aporte teórico que será discorrido a seguir, na análise de dados, acerca da sustentação teórica dos autores, trazendo contribuições neste material em conjunto com Silva e Barros (2010) na tríade da história de vida, Meihy e Holanda (2007), elenca as etapas para esta pesquisa que possui em uma de suas vazões mais condizentes para este estudo, o método da história oral de vida e as categorias de análise, nas quais serão apresentadas em três fases: Perfil das histórias de vidas das participantes; Economia solidária e o viés da reabilitação psicossocial nas trajetórias de vidas e Temáticas da vida cotidiana frente à complexidade do adoecimento com apoio, suporte social e psíquico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ponto de partida para adentrar na relação dialogada e construir as entrevistas, referiu-se quanto aos sentimentos de participação das usuárias na oficina de geração de trabalho e renda, um dos alicerces no qual se estrutura esta pesquisa e assim ser um

importante disparador de compartilhamentos para se estender a outras áreas do interesse de fala das colaboradoras.

Para sinalizar os participantes da pesquisa, utilizaremos nomes fictícios de Hortência e Margarida e assim preservar as identidades das protagonistas neste estudo. Em paralelo os demais nomes citados pelas colaboradoras nas entrevistas foram sinalizados com letras ‘C’, maiúsculo, referindo-se a ‘Colaboradores’, acompanhados de números para assim, caracterizá-los no decorrer do estudo, compreendendo: C1- membros familiares, C2- vínculos sociais, C3- profissionais do CAPS e C4- profissionais fora do CAPS.

Quanto ao material fornecido, foram selecionados fragmentos das entrevistas, nos quais sinalizaram ser mais relevantes para compor a linha de discussão neste processo. As entrevistas na íntegra estão inclusas ao final deste trabalho, no item anexos.

À medida que houve a necessidade de nutrir os discursos, elementos temáticos que pulsam a vida de maneira desprendida foram sendo incorporados pela entrevistadora no conteúdo das gravações, condicionados conforme a demanda que brotavam dos fatos, esses apresentados de acordo com os conteúdos divulgados pelas entrevistadas, considerando as singularidades presentes, que refletiu em aspectos relacionados à família, infância, trabalho, lazer, identidade, adoecimentos, lembranças, sonhos e felicidade, integrado o cotidiano singular refletido no coletivo em que se configuram as histórias de vidas, ao se mesclar e edificar tais narrativas. Ali a expectativa pegava carona na imaginação de como seriam os próximos encontros com as participantes, ao se depararem com a devolução de suas próprias narrativas de vida. Como agiriam? Que sentimentos poderiam ser produzidos a partir daqueles momentos?

Desse modo fragmentos das entrevistas coletadas se transformaram nas categorias de análise, descritas a seguir.

Perfil das histórias de vidas das participantes

Para atribuição deste estudo, foram utilizadas duas histórias de vidas para compor a linha desta pesquisa social. De modo geral os sujeitos que agregam o estudo, são mulheres na faixa etária entre 50 a 65 anos, possuem filhos, são residentes na área urbana da cidade, com tempo de vínculo entre 3 a 16 anos no serviço de saúde mental, fazem uso de medicações psicotrópicas e são participantes de 3 a 5 oficinas e grupos terapêuticos.

A primeira categoria de análise refere-se aos aspectos ligados à identidade das protagonistas que nos trazem as histórias de vidas, no desafio em como identificá-las, como

caracterizá-las entre estes enredos, questionamentos esses que foram surgindo e que deram margem a prosseguir delicadamente diante de todo um arsenal narrativo em mãos, munidas de complexas bagagens de subjetividades nas trajetórias de vidas, “[...] as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala [...]” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.35).

A ética neste percurso que acarreta a privacidade resguardada na transformação dos materiais coletados a partir destes encontros são pontos fundamentais onde foram sendo levantadas e articuladas as narrativas, nas percepções que afloraram e que também deixaram escapar nesses processos para compor com os demais autores a caminhar para novos rumos.

Na história Oral de Vida, os autores descrevem fatos marcantes que agregam valores nas singularidades dos modos de perceber os aspectos da vida,

É o retrato de uma pessoa cuja trajetória é significativa para a compreensão de eventos, períodos e de práticas culturais e históricas, cuja trajetória é registrada e analisada num esforço para deslindar interações entre percursos individuais e processos coletivos. (SILVA; BARROS, 2010, p.71).

Observamos então nas entrelinhas dos seguintes fragmentos, necessários espaços de reflexões, na tentativa de se constituir novas aberturas dos sentidos de existir:

Cuidado de si...

Agora eu me cuido, quando eu cheguei no CAPS eu não queria um banho, eu não... Pra mim o meu cabelo podia crescer e ficar né... Agora não... Agora eu gosto de me arrumar, eu gosto de pintar minha unha, eu gosto de andar com a sobancelha bem feitinha, gosto de pintar o meu cabelo sabe. Hoje eu já tava dizendo pra C2, ai C2 eu tô precisando ir pro instituto pintar o cabelo, agora eu tô me cuidando! E eu vou ficar bem ainda! Vai me ver bem ainda, tu vai ver!. (Hortência)

[...] assim, eu já tentei até ficar sozinha em casa sabe, mas as vozes... Parece que quando eu fico sozinha vem aquelas vozes... Sabe que agora com essa geração de renda aí, com as bolachinha que... Fazia acho que um... Quase um mês que eu não ouvia voz nenhuma,[...].(Hortência)

[...] Ah, eu queria voltar a ser aquela pessoa que eu era... alegre! Comigo não tinha tristeza, sabe... O meu propósito de vida é ser aquela pessoa que eu era antes, sabe... (Hortência)

Em relação à identidade...

Agora aqui é outra! Que faz as coisas, que consegue compartilhar com as pessoas, antes eu ficava em casa trancada dentro de casa sem ir pra lado nenhum... Ficava até semanas dentro de casa, não via nem o sol, não saía pra fora da porta da casa... (Margarida)

Infância...

[...] desde pequena aprendi o que, que é a vida e da onde vem, porque se ganha de graça, não tem valor, tu sabendo que vem do teu suor tu valoriza e tu sabe da onde vem e foi o que eu aprendi e passei pro meus filhos também a mesma coisa desde pequena saber valorizar e trabalhar com o esforço deles pra eles terem o que eles tem hoje. É muito gratificante saber que eu tive uma educação, aprendendo, sabendo e cada vez a gente aprende mais, que a vida não é só vamos parar ali, faz uma coisa e deu, a vida segue em frente sempre a gente aprendendo mais e mais, quando a gente quer né!? (risos).(Margarida)

Anteriormente relatos emotivos de Margarida ao ouvir o conteúdo das próprias narrações...

Nesse encontro revivo o momento da breve interrupção da leitura feita pela colaboradora, ao descobrir à capacidade de tal potencial para compor o pensamento e assim a abertura de diálogos e ressignificações que fornecem sentidos ao que estava sendo proposto ali...

(Diário de campo da pesquisadora)

*[...] uma entrevista não é apenas uma coleção de frases reunidas em uma sessão dialógica. A *performance*, ou seja, o desempenho é essencial para se estender o sentido do encontro gravado. Olhar nos olhos, perceber as vacilações ou o teor emotivo das palavras, notar o conjunto de fatores reunidos na situação da entrevista é algo mais do que a capacidade de registro das máquinas, que se limitam a guardar vozes, sons gerais, e imagens. A percepção das emoções é bem mais complexa do que se aparenta, e sua captação se dá apenas pela presença física de pessoas [...]. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.22-23).*

Em outro espaço e tempo, observo Margarida misturando os ingredientes para fazer os biscoitos, a mão que mistura e sova com ritmo e intensidade, também expressa sentimentos...

(Diário de campo da pesquisadora)

Sorrisos...

Ah é fazer o que eu gosto, as coisas com vontade e com emoção e vendo as outras colegas querer aprender junto, é muito bom isso aí! (Margarida)

Nos fragmentos apresentados são explícitas as reflexões constituídas de valores e significados pessoais e coletivos, ao impulsionar sentimentos. É notável nos três primeiros trechos a ênfase de um cuidado de si atrelado às trajetórias de adoecimento no tempo linear do passado ao presente, embora o terceiro discurso vá de encontro com os anteriores, no que se evidencia um desejo a ser resgatado, um aspecto relevante para a identidade do sujeito. Ainda que nas entrelinhas suponhamos o sofrimento presente, mas que também traz ressignificação da importante retomada da projeção de vida. Somam-se a isso os relatos de Hortência são carregados de significados particulares, enquanto os de Margarida há uma mescla dos sentimentos que abrange o individual, mas também o coletivo.

Na fonte dessas informações, essas foram às amostras selecionadas dos conteúdos que compuseram esses relatos e que fornecem seguimentos para outras áreas situadas na próxima categoria a ser analisada a seguir.

Economia solidária e o viés da reabilitação psicossocial nas trajetórias de vidas

Para engrenar este estudo, a participação na oficina de geração de trabalho e renda foi à peça fundamental para fazer girar os processos construtivos dos sujeitos envolvidos. O contato com essa ferramenta proporcionou observar a dinâmica que abrangeu as subjetividades dos participantes que se envolveram nas etapas do fazer da oficina, na relação que se estabeleciam entre eles e nos modos de cada um lidar com os diferentes movimentos ali sendo apresentados e que não davam conta de tantos detalhes a ser captados pela pesquisadora, devido à imensa riqueza que inundava aqueles espaços, de tantas trocas humanas que desencadeavam em deslocamentos na direção da inclusão social. Ainda um resgate e fortalecimento de autonomia, identidade, valorização pessoal e coletiva, características essas que contemplam uma iniciativa inclusiva, pelo trabalho reabilitador, como pressupostos pela vertente da economia solidária,

[...] constitui-se como um movimento de alteração do modo de vida das pessoas, estimulando a solidariedade, a democracia e o respeito ao outro, à natureza e às diferenças, possibilitando a abertura de caminho para a inclusão social por meio do

trabalho para pessoas que, por diversas maneiras, se encontram em situação de exclusão social. (LUSSI; PEREIRA, 2016, p. 376).

A seguir, trechos do momento em que Hortência, expressou o sentimento da conquista de um espaço na cidade, para expor os produtos da oficina que tem como pressuposto a economia solidária:

Tu imagina no feirão colonial a gente está vendendo as nossas bolachas lá? E ela disse que pode fazer sonho, a S2 falou rosca, ela disse assim sonhos [...]. (Hortência)

[...] a semana que vem vamos ter que se mexer, porque nós vamos ter que fazer umas três receitas pra levar. Bah, a Margarida faz uma massa... E eu acho que as massas que a Margarida faz são muito bem feitas sabe, dá sempre certo [...]. (Hortência)

Eu me senti muito feliz, fiquei emocionada sabe, ai fiquei feliz por mim e pelos meus amigos né, pela nossa, nossa equipe! Porque ali é uma equipe né, eu fiquei muito feliz e agora tô louca que chegue quinta pra mim conversar e contar pra eles tudo sabe. (Hortência)

Hortência também participa do grupo de artesanato do CAPS, via economia solidária, as vendas dos produtos acontecem no mesmo local da oficina de geração de renda, o que facilita o fortalecer dos vínculos para as iniciativas que fomentam essas trocas sociais.

No decorrer das entrevistas observamos um constante diálogo das colaboradoras que expressaram potentes sentimentos quanto ao vínculo com a geração de trabalho e renda, da gama de significados atribuídos pelas mesmas, ao relacioná-lo no investimento de novas percepções de vida, nas realizações pessoais e na relação entre pares.

Eu tô ali não é por dinheiro, por essas coisas sabe, eu tô ali pra me ocupar sabe que e que eu me sinto bem ali, o grupo é bom e é unido sabe, porque uma fala e a outra, uma já faz a massa e a outra sabe... É muito bom! É um grupo maravilhoso, bah. (Hortência)

[...] Olha essa geração... Não pelo dinheiro, mas pela amizade que nós temos tudo ali na cozinha, maravilhoso! Me sinto muito bem sabe[...].(Hortência)

[...] ela pergunta o que vocês acham sabe, não é ela chegar e decidir, ela decide com o grupo, é tudo decidido no grupo, isso é muito interessante sabe, muito bom, porque aí ela tá incentivando nós, é muito bom! (Hortência)

Tu sabe que eu até prefiro vir quando eu tô ruim, que aí eu chego ali, conversa, fala uma coisa e fala outra ali e a C3 é muito legal também né, o grupo acolhe é muito acolhido, ela fala e fica naquela dúvida e aí eu já começo a me soltar e é a paz! (risos) Fico tranquila e aí passa tudo aquilo... E aí eu começo a botar a mão na massa e acabou. (Margarida)

Nas narrativas anteriores, o primeiro trecho traz significado de ocupação, que pode estar subentendido ao associar a relação com o adoecimento instalado e que repercute diretamente no cotidiano da entrevistada. Mas o trabalho também oportuniza a construção de sentidos, rebobina memórias, aciona lembranças e ainda são provedores de reflexões, esses nitidamente observados nos trechos. Para ambas as colaboradoras o trabalho assume um predomínio de papel de reabilitador.

[...] Sempre quando chegava perto do natal, eu fazia muita bolachinha pra minha patroa, gostava muito de fazer bolacha, bolinho essas coisas, sabe. Porque eu cozinhava, eu cuidava as crianças, era quatro e mais a minha [...] E então eu fazia a bolacha, eu fazia sabe a carinha, assim sabe e fazia o corpinho, fazia as bonequinhas de bolacha, tudo sabe, isso aí me recorda e eu fico muito feliz sabe [...]. (Hortência)

[...] A minha mãe sabe sempre fazia essas bolachinhas, mas só que não era assim era bolacha, fazia rosca de farinha de milho, porque fazia rosca de cachaça e a gente fazia a latas, ah era tão bom ... Tudo termina né? Até a próxima vez eu quero levar pra ela, para dona C2 pra ela ver como a gente faz [...]. (Hortência)

[...] aquilo ali me faz sabe, eu tá na cozinha, aquilo ali parece que me traz aquela lembrança sabe, que eu fazia tudo, na casa dessa senhora, então é isso aí, eu me sinto bem feliz de tá ali, é muito bom. (Hortência)

Pra mim é uma gratificação porque eu gosto muito de aprender e eu já trabalhava em confeitaria, trabalhei em restaurante, então isso aí pra mim é mais uma confiança pra mim aprender mais e me sinto bem, me realiza ali com os colegas, levo na palhaçada e ali vai

surgindo o grupo e fica legal, as pessoas gostam das minhas brincadeiras então vai em frente.(Margarida)

O meu sonho é agora daqui pra frente seguir nesse grupo e fazer muitas viagens com esse grupo é participar e passar pra frente o que nós aprendemos e levar o CAPS em frente e com o nosso nome, se Deus quiser [...]. (Margarida)

Na investigação dos relatos, impressos sentidos são atribuídos à inserção no trabalho, no qual expressa meio de obter renda, mas principalmente como aponta Lussi e Pereira (2016, p.372), o trabalho ganha destaque no processo reabilitador, quando aposta na promoção dos sujeitos enquanto cidadãos na sociedade. E ainda complementam: “[...] No entanto, para que o trabalho possa ter uma ação reabilitadora é preciso que ele ocorra em condições que privilegiem a autonomia, o protagonismo, a emancipação e a inserção social das pessoas.” (LUSSI; PEREIRA, 2016, p. 372).

Por essa mesma via que nos trazem provocações e que nos convidam a novamente refletir com os demais autores, nas temáticas adentradas na saúde mental. Entre elas o espectro do adoecimento que transcorre no contexto de múltiplos cotidianos, que nestes recortes de vidas, serão analisados na categoria a seguir.

Temáticas da vida cotidiana frente à complexidade do adoecimento com apoio, suporte social e psíquico.

No cenário da reabilitação psicossocial, embarcamos com Saraceno (2011), que nos conduz a refletir os diferentes papéis das instituições frente à singularidade dos sujeitos quando desassistidos de seus direitos, criando obstáculos que danificam avanços significativos nos modos de prover a vida: “É necessário fazer o percurso ao inverso: reaquisição de poder, desinstitucionalização das identidades fictícias, reconstrução da história do sujeito, reconstrução dos espaços e tempos para a expressão do sentido.” (SARACENO, 2011, p. 98).

Nesse sentido abordaremos tópicos que mais denunciaram nas narrativas, presentes nesta pesquisa. Entre eles o adoecimento refletido pelo luto, estigma que perpassa os cotidianos de Margarida e Hortência, e nessa, ainda o enfrentamento do medo, depositados nos relatos a serem apresentados, nos quais buscaremos identificar nos trechos selecionados que também tramitaram com as percepções colocadas pela entrevistadora, para propor a

composição de diálogos, refletindo nos aspectos dos sofrimentos diante da cronicidade do adoecimento em que estão submetidas.

Margarida alternava o olhar entre meu rosto e o chão, sorria enquanto acessava partes da memória ao narrar fatos de sua história de vida, até o momento de tocar nas lembranças da mãe, senti que era a ocasião de interromper a gravação, pois naquele instante surgiu à necessidade de uma escuta, de alguém que a acolhesse, que estivesse ali inteiramente presente entre as lágrimas de saudades que eram derramadas pela colaboradora, pois o dia das mães estava próximo e com isso a complexa elaboração de um ciclo, a morte da mãe,

(Diário de campo da pesquisadora)

Relação familiar...

Eu disse pros meus filhos que eu ia viajar no dia das mães, aí eles disseram que eu não tinha mãe, que faz um ano que eu perdi, ah não mãe deste dia eu não abro, porque nós temos mãe! (risos), não abre mão (risos) ah tá então tá bem, eu queria só saber de verdade se vocês tem mãe, aí disseram Deus o livre mãe, nem fala isso... É porque... Lembra muito dela, eu sempre tava junto com ela, aniversário dela, dia das mães, natal tava sempre junto, ah não abria mão desses dias... Eu tava sempre com ela. (Margarida)

Ali naquele espaço, sentadas em um banco e perante o tempo que transcorria naquela tarde ensolarada, houve aberturas para ressignificar as perdas, nas boas lembranças ali contadas e embora fosse a um curto intervalo de tempo, proporcionou à necessidade de momento mínimo e íntimo, de revisitar os lugares que marcaram alguns desses encontros e também elucidar qual era o seu possível papel de mãe para com seus filhos, expresso no primeiro fragmento da colaboradora.

(Diário de campo da pesquisadora)

Retomo no encontro posterior com Margarida se ainda tinha o desejo de ‘viajar’...

[...] aí eu fiquei com eles né, não tenho mais mãe, aí mas eles tem né, tenho que ficar com eles agora né, fez bastante sentido, claro que não preenche a mãe né, mas eles estavam aqui comigo né, aquele vazio continua né ... Que a mãe é mãe né, mas eu vou, uma hora descer lá pra acender umas vela pra ela. (Margarida)

O luto persiste ao ser questionado quanto ao vínculo com o serviço de saúde mental...

[...] A perda do meu pai que ele se matou e aí eu entrei em depressão, mesmo trabalhando, tentei trabalhar, trabalhei mais três anos depois que o pai se matou, mas daí não consegui mais trabalhar, aí vim a procura do CAPS, que o meu irmão se tratava aqui já, aí tô aqui até hoje... (Margarida)

Luto também expresso por Hortência ao narrar o vínculo com a filha da patroa, na qual a acompanhou, há mais de 20 anos.

[...] Só que aconteceu uma tragédia muito grande, a guria mais velha se formou em medicina e ela faleceu no acidente, em agudo, ela indo pra Cerro Branco, ela trabalhava no hospital... É ... Pegou só no rosto sabe, a árvore sabe ela pechou lá... Aí eu tive uma perca muito grande... (Hortência)

Esses recortes expressos de memórias dilataram sentimentos em cada uma das colaboradoras, evidenciados nesses momentos das entrevistas entre as tímidas lágrimas, a expressão dos olhares e oscilações nos tons de vozes que abriram brechas para intervalos de silêncios significativos, entre as palavras que foram sendo colocadas...

(Diário de campo da pesquisadora)

[...] Ainda que a memória coletiva seja importante fenômeno social, o passado é construção complexa plena de negociações e conflitos; ele não pode ser evocado de modo idêntico pelas pessoas, pois é criado e recriado com base na experiência singular, em sua interpretação e nas negociações de representações que são, muitas vezes, conflitantes entre si e geradoras de angústias. (SILVA; BARROS, 2010; p.70).

Em relação à Hortência em um dos encontros...

Observo-a sentada com um volumoso rolo de lã nas mãos, estava em companhia com as demais usuárias que conversavam paralelamente enquanto se mantinha calada, quieta, com uma expressão fechada, estava concentrada enquanto desfazia os apertados nós daquele emaranhado de linhas. Então realizei o contato, mas em um primeiro momento não demonstrou tanto interesse e na possibilidade de minha investida, acordamos o espaço de tempo para o início do encontro gravado, mas logo pediu então para aguardar, pois antes precisava desatar todos aqueles apertados nós...

(Diário de campo da pesquisadora)

O vínculo com o serviço de saúde mental...

[...] eu não consigo ficar sozinha em casa, eu tenho uma... Ah eu não sei como é que eu vou te dizer... Um transtorno que eu não posso ficar sozinha, aí se eu fico sozinha eu só penso em me matar e... Ah é muito difícil... Eu ouço as vozes e aí eu fico bem desnorreada sabe [...]. (Hortênciã)

[...] Não fico sozinha em casa, tem que ter sempre uma pessoa junto comigo... Sabe eu não consigo fazer comida sozinha sabe, eu tenho que ter sempre alguém junto comigo, eu tô... Eu sou muito insegura! (Hortênciã)

E a família...

[...] Meu marido ficou acho que um mês me levando pro CAPS e ficava junto por que eu tava muito ruim, pra ir no banheiro daí eu não me limpava, ficava suja né, ele me limpava ele me cuidou e assim sabe, bah esse marido eu tenho que só agradecer... (Hortênciã)

Nos pedaços retirados dos trajetos de vida, anteriormente citados, há condição para se pensar em diálogos que podem ter sido projetados com base na relação analógica com os nós, serem desfeitos ou reconstituídos nos caminhos feitos pelas mãos que manipulavam as linhas, que eram tecidas por *Hortênciã* e que nos convocam a refletir: “Desse modo, não se pode desconsiderar a subjetividade dos sujeitos, os significados, a compreensão e a interpretação que as pessoas fazem de sua realidade pessoal.” (LEÃO; SALLES, 2016, p.67)

No campo da saúde mental, as situações de exclusão social vivenciadas pelas pessoas com transtornos mentais muitas vezes são retratos de cotidianos alienados. Intervenções e mecanismos que favoreçam a reconstrução e ampliação dos direitos de cidadania e a resignificação do cotidiano configuram-se como meios de fortalecimento e de saídas de movimentos da alienação. (LEÃO; SALLES, 2016, p.67)

E que também podem ter relação com os demais trechos que seguem:

Questionei-a quanto ao desencadeamento e percepção das vozes...

E eu acho que é quando eu fico mais sensível sabe, mais nervosa... Eu gosto de conversar com o C3, bah ele me entende ele me explica [...]. (Hortênciã)

Tá, tá diminuindo... Ah... Tu sabe que eu tô me sentindo mais... Ah! Como é que eu vou te dizer... Ah! Acho que... Feliz! Poderia te dizer uma palavra assim, feliz! [...]. (Hortência)

O medo expresso por Hortência é intensificado nos seguintes relatos:

[...] eu não conseguia mais nem falar, porque tinha uma mulher que tava bem doente e ela corria atrás de mim e eu tinha medo dela [...]. (Hortência)

[...] Eu tenho muito medo dessa voz! É uma voz ruim né, uma voz que manda eu me suicidar! É uma coisa que eu não posso fazer aqui, tenho meus filhos, minhas duas filhas, meu genro, meu marido, então eu tinha muito medo dessa voz sabe? (Hortência)

[...] Agora pode ser que entre na minha cabeça né e que eu não tente mais né, mas esses dias eu tomei um envelope de clonazepam e dormi... À noite e o dia... Não posso ver remédio sabe, eu tenho medo de me enforcar eu tenho medo de me cortar, entendeu!? Mais de tomar remédio não! (Hortência)

Desenvolvendo estratégias para o cuidado de si, atrelado à rede de apoio...

O C3 tá me ajudando sabe, mais... A voz veio, faz dois dias que ela veio e aí sabe eu, eu disse assim que eu não queria mais que ela viesse sabe, eu quero que tu suma, me deixe em paz!... E agora faz três dias que ela não vem. (Hortência)

Aí sabe a minha filha falou e uma psicóloga também lá do Regional falou que é o meu subconsciente... Que eu tenho... Que é o meu subconsciente que eu ouço essa voz, sabe. A minha filha pegou um livro e leu da enfermagem o que fala sobre vozes sabe e aí eu, sabe, também fiquei pensando, sabe: Mas o que, que é subconsciente? Sabe. Ela disse: mãe, subconsciente é o que tu pensa! Tu sente o medo e a voz vem! Tu não pode ter medo! Tu tem que ser uma mulher de garra como tu sempre foi. (Hortência)

[...] tá ouvindo voz? Eu digo tô C1 e tá mandando eu ir pra fora, não mas tu não vai ir pra fora, quem não pertence a essa casa é a voz! Tu vai embora! E né que ele ficou do meu lado sabe e sabe que foi bem seguido e a voz se foi!. (Hortência)

[...] parece que eu estava dormindo, mas eu não tava dormindo, eu não conseguia apagar totalmente sabe, aí uma hora eu levei a mão assim sabe e aí eu procurei e aí o C1 disse é eu, aí eu me senti segura que era o meu marido que tava ali sabe e aí eu dormi [...]. (Hortência)

O CAPS é a minha segunda casa, passo mais aqui do que em casa! (risos), venho de manhã faço meus grupos e depois eu volto embora com a C2, não vou sozinha. Já fazem 15 anos que nós somos amigas [...]. (Hortência)

De acordo com a normativa dos direitos das pessoas com transtornos mentais, o artigo 2º, inciso II, concede à pessoa: “[...] ser tratada com humanidade e respeito e no interesse exclusivo de beneficiar sua saúde, visando a alcançar sua recuperação pela inserção na família, no trabalho e na comunidade.” (BRASIL, 2004, p.17).

Notamos nas narrativas evidências quanto a esse cuidado compartilhado com o usuário de saúde mental, atrelado aos profissionais, família e suporte social, ferramenta utilizada pelo serviço de saúde, que compõe e articula com estratégias para minimizar os danos causados pelo sofrimento do sujeito, a valer pelo envoltório da forte rede de apoio, que de mãos dadas com a reabilitação psicossocial, caminham juntos para refletir: “[...] as propostas de cuidado são pautadas pela liberdade, pelo respeito às necessidades e singularidades, pela conquista dos direitos de cidadania, enfim pelos processos de inclusão social [...]” (LEÃO; SALLES, 2016, p.63).

Percepção de um cuidado compartilhado

[...] do estado que eu cheguei aqui estava feia a coisa, se não fosse à C3 eu não sei... Me ajudou bastante com medicamentos e o pessoal daqui também que me botou em grupos e ali eu fiquei até hoje, de vez em quando eu escolho um grupo diferente, como agora o de geração de renda eu entrei por curiosa e (risos) fazendo agora eu me boto só na massa, imagina se não sai a massa!(risos). (Margarida)

Há também outro lado a ser tocado nestes eventos, o sofrimento com codinome de estigma, carregado de marcas de adoecimento, presente no cotidiano de pessoas com transtornos mentais, repercutindo no interior do sujeito e nas relações compostas pelo mesmo, embasadas por Saraceno:

Aqueles de nós que trabalharam nos hospitais psiquiátricos para fechá-los, sabemos muito bem que o processo chave é o da reconstrução histórica dos internados, a reapropriação de seu passado e presente, a reapropriação do sentido que cada um deles produziu em sua vida, apesar do notável esforço que a instituição faz em matar cada sentido individual, em aniquilar cada diferença, em construir uma falsa identidade coletiva: aquela do doente mental crônico. Outra vez uma identidade a serviço da negação do sujeito. (SARACENO, 2011; p. 97)

[...] eu tentei matar a C4, a doutora, eu ia enforçar ela com a própria manta dela, porque ela não olhava pra mim e eu queria que ela olhasse e me desse atenção, né ... Aí ela me mandou ir pro HUSM, aí eu cheguei no HUSM e tudo sabe e o doutor disse não, eu vou encaminhar senhora pro CAPS, aí eu cheguei no CAPS e naquele dia mesmo eu fiquei no CAPS. (Hortênciã)

Aí, eu levo sempre levo a prova pras gurias né, aí elas dizem cada dia tá melhor mãe, aí elas assim: Mãe tu ajuda? Eu digo claro filha, aí eu disse agora nós tiremos fotos e eu disse pra C3 mandar pra elas ver como eu ajudo né, aí elas ficam feliz, meu marido fica feliz sabe, porque ah tu vê, quem viu uma pessoa morta e agora vê que a médica chamou eles e disse que eu ia ficar com uma sequela muito grande e eu fiquei sem nem uma sequela. (Hortênciã)

[...] ah foi horrível, queria me internar, fui pra ser internada e quando eu cheguei lá eu fiquei um dia, daí o meu marido de tarde disse que tinha que levar os meus material de higiene né, quando o meu marido chegou lá eu tava assim oh, eu não conseguia mais nem falar, porque tinha uma mulher que tava bem doente e ela corria atrás de mim e eu tinha medo dela... Daí o C1 pegou e disse eu vou levar a minha mulher embora, aí ele assinou lá [...]. (Hortênciã)

[...] É que tem muita gente que acha que CAPS é só louco, mas não é, é pessoas que tem um transtorno, a gente também às vezes a gente tá ruim, mas as vezes a gente tá bem, né. (Hortênciã)

[...] E eu tenho uma irmã, a minha irmã mais nova a gente não se dá porque ela me chamou de louca né e eu quero mostrar pra ela que eu não sou louca, que eu... Que eu vou ser... Que eu vou voltar a ser aquela Hortênciã de antigamente. (Hortênciã)

Quando eu fiquei doente eu fiquei doente do serviço né, aí eu desmaiei, porque eu nunca tive férias, eu trabalhei sempre sabe corrido, aí eu desmaiei no banheiro aí tava o meu patrão em casa, daí ele me pegou e me levou no neuro, aí o neuro disse assim, ah essa mulher tá no último de depressão, aí me mandaram pra saúde mental [...]. (Hortênciã)

[...] Aquela a patroa disse que eu não podia tá assim, que eu tinha que tá trabalhando, mas eu não vou trabalhar, sair me perdendo por aí eu vou ficar em casa, não tenho como

trabalhar, o meu colega ficava, achava que eu tava me fazendo, porque tem uns ponto na máquina que é fazer a massa de pastel né, aí tem que fazer três ponto diferente pra ficar a massa bem fininha e modela ela pra ir rechea, era em dois, aí vinha dia que eu virava a cabeça e não conseguia fazer era nada, nada mesmo[...]. (Margarida)

O adoecimento é refletido no cotidiano das pessoas que apresentam barreiras em exercer com aptidão seus diferentes papéis sociais. Para Werlang e Mendes (2013, p.744), o sofrimento não é uma temática recente e que abrange diferentes molduras, adquirindo novos sentidos para designá-lo, sendo então, um desafio à medida que avança o tempo. Ainda as autoras mencionam que o sofrimento social se alavancou a partir da perspectiva do trabalho, pelas precárias condições flagradas por este, na saúde dos trabalhadores e supostamente evidenciados nas entrevistas anteriores.

Os dados obtidos a partir da análise das histórias de vidas realizadas neste estudo incidiram na perspectiva que as narrativas trazidas pelas colaboradoras, contribuíram significativamente para o encontro das propostas teóricas apresentadas e trançadas pelos autores neste material. Na transição de findarmos este ciclo, os objetivos e as questões norteadoras deste estudo, agora ocupam espaços, pela tentativa de discorrê-los, no sentido de acrescentar importantes reflexões.

No decorrer das entrevistas foram observados o constante envolvimento e comprometimento das usuárias para com a pesquisa, nas quais forneceram informações importantes ao acionarem a memória e expressarem seus sentimentos com relação às temáticas que se teciam entre os discursos. Na interpretação dos fragmentos apontados acima, é possível observar as lembranças e as projeções ativadas pelas colaboradoras em diferentes fases de vidas e por meio do contato com o fazer na oficina, elementos que caminham juntos para a reabilitação psicossocial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória percorrida na presente pesquisa nos conduziu chegarmos ao final desta jornada e assim revisitarmos as ações que nortearam a estrutura deste estudo. Ao se tecer os aspectos das histórias dos sujeitos no desenvolvimento deste conteúdo investigativo e nas possíveis potencialidades recorrentes das narrativas de vidas, concluímos que os resultados elucidam um amplo recurso que impactaram em potentes sentidos de vida, ao expressar desejos, expor e (re)significar os desafios que invadem os lugares mais obscuros da alma,

agregados a espontaneidade de permitir que o corpo expresse os sentimentos e a interpretação desses acontecimentos são episódios que se manifestaram nestes encontros. As intensidades desses diálogos aqui demonstrados nos possibilitam carregar na memória dos que vivenciam esses lugares. As experiências compartilhadas podem ter sido elaboradas ou não, sejam elas durante as narrativas, nas devolutivas, entre as interrupções, nos encontros, nas despedidas, no íntimo particular de cada sujeito e nas relações atribuídas entre os pares.

Salientamos a imensa importância de investir nessas ações enquanto potente ferramenta psicossocial e assim viabilizar novas formas e olhares quanto ao cotidiano de pessoas desfavorecidas nos diferentes contextos de vida.

Acessar às narrativas das histórias de vidas possibilitou adentrar nas relações e encontrar diferentes caminhos de condutas para impulsionar os sujeitos na (re) significação das identidades, na sociedade desigual. Desejamos com isso, que este material inspire outras histórias, inspire profissionais e que principalmente sejam ampliadas as possibilidades a outros usuários que possam vivenciar as essências da vida a partir de seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. **Legislação em Saúde Mental**: 1990-2004.5.ed.ampl.Brasília, 2004. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/legislacao_saude_mental_1990_2004_5ed.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- LEÃO, A.; SALLES, M. M. Cotidiano, Reabilitação Psicossocial e Território- Reflexões no Campo da Terapia Ocupacional. In: MATSUKURA, Thelma Simões; SALLES, Mariana Moraes (Org.). **Cotidiano, Atividade Humana e Ocupação**: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental. São Carlos: Ed UFSCAR, 2016. 200 p.
- LUSSI, I. A. O.; MORATO, G.G. O significado do trabalho para usuários de serviço de saúde mental inseridos em projetos de geração de renda vinculados ou não ao movimento da economia solidária. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 20, n. 3, p. 369-380, 2012.
- LUSSI, I. A. O.; PEREIRA, O. A. M. Trabalho, Reabilitação psicossocial e Terapia Ocupacional: a estratégia da economia solidária para articulação desses campos. In: SIMÓ ALGADO, S. (Org.). **Terapias ocupacionales desde el sur**: derechos humanos, ciudadanía y participación. Santiago de Chile: Editorial Universidad de Santiago de Chile, 2016. p.371 - 390.
- MEIHY, B. S. C. J.; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- SARACENO, B. A cidadania como forma de tolerância. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.22, n. 2, p. 93-101, maio/ago. 2011.
- SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.
- WERLANG, R.; MENDES, J. **Sufrimento Social**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 116, p. 743-768, out./dez. 2013.

ANEXO – A

NARRATIVAS DE HORTÊNCIA

Como está sendo estar aqui no CAPS, participando da oficina de geração de renda?

O CAPS é bom à gente vir, sabe, às vezes, outras vezes eu fico muito nervosa porque eu não posso ver discussão, aqui sabe me faz mal... Eu me sinto assim sabe que o CAPS é... Que eu não consigo ficar sozinha em casa, eu tenho uma... Ah eu não sei como é que eu vou te dizer... Um transtorno que eu não posso ficar sozinha, aí se eu fico sozinha eu só penso em me matar e... Ah é muito difícil... Eu ouço as vozes e aí eu fico bem desnorteada sabe e aqui no CAPS não, aqui no CAPS todo mundo me ajuda e se eu vou me sentir mal já corro pra um profissional sabe e daí eles me ajudam, é muito bom aqui! Tu vê já vai pra dezesseis anos que eu tô no CAPS. Conheci muita gente... Tenho amizade mesmo aqui, é isso aí... O CAPS é a minha segunda casa, passo mais aqui do que em casa! (risos), venho de manhã faço meus grupos e depois eu volto embora com a C2, não vou sozinha. Já fazem 15 anos que nós somos amigas, eu... Tu vê eu tive 4 tentativas de suicídio... Em fevereiro de 2018, foi à tentativa... A mais feia que eu tive sabe, que eu fui pra CTI, fiquei 11 dias na CTI, em coma, em Santa Cruz ainda... Foi! Quase morri! Agora pode ser que entre na minha cabeça né e que eu não tente mais né, mas esses dias eu tomei um envelope de clonazepam e dormi... À noite e o dia... Não posso ver remédio sabe, eu tenho medo de me enforçar eu tenho medo de me cortar, entendeu!? Mais de tomar remédio não!

Nesses momentos ruins, como o grupo da oficina te acolhe? Que sentimentos surgem?

Sabe que eu não fico ruim no grupo, porque a gente... A gente se enterte, a gente vai fazer as bolachinha sabe e a gente tá torcendo ali pra dar certo sabe, não, não fico ruim. Eu trabalhei 27 anos né... Eu trabalhava de doméstica, 27 anos e aquilo ali me faz sabe, eu tá na cozinha, aquilo ali parece que me traz aquela lembrança sabe, que eu fazia tudo, na casa dessa senhora, então é isso aí, eu me sinto bem feliz de tá ali, é muito bom... Eu tô ali não é por dinheiro, por essas coisas sabe, eu tô ali pra me ocupar sabe que e que eu me sinto bem ali, o grupo é bom e é unido sabe, porque uma fala e a outra, uma já faz a massa e a outra sabe... É muito bom! É um grupo maravilhoso, bah... E agora, sabe, todos anos troca né porque não ficam as mesmas e agora tá a C3 e eu tô adorando né... Bah ela é bem amada, assim sabe ela é bem... E ela conversa sabe e ela pergunta o que vocês acham sabe, não é ela chegar e

decidir, ela decide com o grupo, é tudo decidido no grupo, isso é muito interessante sabe, muito bom, porque aí ela tá incentivando nós, é muito bom! É eu fazia... Sempre quando chegava perto do natal, eu fazia muita bolachinha pra minha patroa, gostava muito de fazer bolacha, bolinho essas coisas sabe... Porque eu cozinhava, eu cuidava as crianças, era quatro e mais a minha, e ele tinha a fazenda pra fora e ficava pra fora, era eu e ela e as crianças, e então eu fazia a bolacha, eu fazia sabe a carinha, assim sabe e fazia o corpinho, fazia as bonequinhas de bolacha, tudo sabe, isso aí me recorda e eu fico muito feliz sabe... Aí... Eu levo, sempre levo a prova pras gurias né, aí elas dizem cada dia tá melhor mãe, aí elas assim: Mãe tu ajuda? Eu digo claro filha aí eu disse agora nós tiremos fotos e eu disse pra C3 mandar pra elas ver como eu ajudo né, aí elas ficam feliz, meu marido fica feliz sabe, porque ah tu vê, quem viu uma pessoa morta e agora vê que a médica chamou eles e disse que eu ia ficar com uma sequela muito grande e eu fiquei sem nem uma sequela... Eu fiquei bem e agora tu vê eu faço o grupo da C3 que vai lá pra C2 né, que lá os guardanapinhos a gente ajuda, eu faço crochê e a gente faz tudo as coisas e agora eu vou para as bolachinhas... Tu imagina no feirão colonial a gente está vendendo as nossas bolachas lá? Ela disse que pode fazer sonho, a C2 falou rosca, ela disse assim sonhos... Ai depois no final a gente tava indo embora eu e o meu marido, aí ela tava pegando um café aí ela disse ah vamo tomar um cafezinho junto, aí ela pediu um café e daí um rapaz trouxe um café e conversou comigo e o meu marido e aí o meu marido disse eu adoro quando a Hortência vem pra feira, agora ela vai... Agora tem mais serviço, antes ela tinha só o artesanato, agora ela vai vender as bolachinhas, aí ela perguntou se o C1 já tinha provado as bolachas e o C1 disse essas bolacha é uma delícia eu já provei e ela já levou pra casa e aí ela disse pois é, ela conversou comigo sabe, ela disse olha de vocês participar eu gosto muito e eu gosto muito do grupo do CAPS ela disse pra mim, sabe, vocês falam CAPS, tem muita gente que não sabe o que é CAPS, mas vocês sempre se comportaram muito bem aqui dentro do grupo e vocês estão de parabéns sabe, e eu disse obrigada C2. É que tem muita gente que acha que CAPS é só louco, mas não é, é pessoas que tem um transtorno, a gente também às vezes a gente tá ruim, mas as vezes a gente tá bem, né.

Quais foram os sentimentos com relação à conquista deste espaço para a exposição e venda dos produtos?

Eu me senti muito feliz, fiquei emocionada sabe, ai fiquei feliz por mim e pelos meus amigos né, pela nossa, nossa equipe! Porque ali é uma equipe né, eu fiquei muito feliz e agora tô louca que chegue quinta pra mim conversar e contar pra eles tudo sabe...

A gente... A semana que vem vamos ter que se mexer, porque nós vamos ter que fazer umas três receitas pra levar. Bah, a Margarida faz uma massa... E eu acho que as massas que a Margarida faz são muito bem feitas sabe, dá sempre certo. Eu penso... A minha mãe sabe sempre fazia essas bolachinhas, mas só que não era assim era bolacha, fazia rosca de farinha de milho, porque fazia rosca de cachaça e a gente fazia a latas, ah era tão bom... Tudo termina né? Até a próxima vez eu quero levar pra ela, para dona C2 pra ela ver como a gente faz... Só que aconteceu uma tragédia muito grande, a guria mais velha se formou em medicina e ela faleceu no acidente, em agudo, ela indo pra Cerro Branco, ela trabalhava no hospital... É ... Pegou só no rosto sabe, a árvore sabe ela pechou lá... Aí eu tive uma perca muito grande... E aquele dia de noite ela ligou: Dadá eu tô louca de saudade de ti, a próxima vez que eu vir eu vou aí te visitar ela disse sabe, aí eu digo então ah então tá, pena que tu não veio agora eu tava louca de saudade de ti sabe, eu disse, e aí quando eu fui já fui ver ela... É uma coisa que como diz tem sua hora. Quando eu fiquei doente eu fiquei doente do serviço né, aí eu desmaiei, porque eu nunca tive férias, eu trabalhei sempre sabe corrido, aí eu desmaiei no banheiro aí tava o meu patrão em casa, daí ele me pegou e me levou no neuro, aí o neuro disse assim, ah essa mulher tá no ultimo de depressão, aí me mandaram pra saúde mental e quem me atendeu foi a C4 sabe, aí ah foi horrível, queriam me internar, fui pra ser internada e quando eu cheguei lá eu fiquei um dia, daí o meu marido de tarde disse que tinha que levar os meus material de higiene né, quando o meu marido chegou lá eu tava assim oh, eu não conseguia mais nem falar, porque tinha uma mulher que tava bem doente e ela corria atrás de mim e eu tinha medo dela... Daí o C1 pegou e disse eu vou levar a minha mulher embora, aí ele assinou lá e ficou três meses me cuidando, só que eu não tinha noção que eu tomava banho e saía pelada pra rua... Eu saía pelada e quando o meu marido viu eu tava no portão agarrada pelada e os meus vizinhos tudo corriam pra dentro de casa sabe, aí eu tentei matar a C4, a doutora, eu ia enforcar ela com a própria manta dela, porque ela não olhava pra mim e eu queria que ela olhasse e me desse atenção né, aí ela me mandou ir pro HUSM, aí eu cheguei no HUSM e tudo sabe e o doutor disse não, eu vou encaminhar a senhora pro CAPS, aí eu cheguei no CAPS e naquele dia mesmo eu fiquei no CAPS. Meu marido ficou acho que um mês me levando pro CAPS e ficava junto por que eu tava muito ruim, pra ir no banheiro daí eu não me limpava, ficava suja né, ele me limpava ele me cuidou e assim sabe, bah esse marido eu tenho que só agradecer... E daí eu tinha a C1 com sete anos, a C1 ajudava a cuidar sabe, ficava sempre atrás de mim. Essa me cuidava assim né, a C1 me cuidava também, mas como ela trabalhava no hospital e não tinha tempo, aí a C1 se tinha que fazer perícia a C1 que me levava ela me atravessava à rua e o C1 confiava desde pequena foi sempre muito

ativa e inteligente sabe, chegava nos lugares e dizia assim oh, fica quietinha aí tá mãe, as vezes eu queria me agitar e ela dizia fica quieta, aí eu ficava quieta sabe e era a filha que eu não queria mais engravidar, e aí Deus que me mandou essa filha, por causa que eu engravidei sem querer... E essa aí venho pra me ajudar até hoje.

Como é estar com a tua família?

Eu tenho uma família muito unida sabe, domingo de noite é o dia que se reúne todos e vão jogar banco imobiliário ou vão jogar vídeo game, me pediram um vídeo game e eu tive que dar de presente de páscoa pra elas, (risos)se reúnem tudo sabe e aí eu tô ali, fico ali junto eles querem que eu jogue conversando, eu não gosto de jogar sabe. Se eu tô ainda ... É porque a minha família me ajudou. Tu vê as tentativas de suicídio, uma vez o meu marido chegou e disse que eu tava babando sabe, eu levantava assim e caía e ele ficou ali, três mês me cuidando, me levava no CAPS e me trazia. Esse marido é... E ele chega em casa e tenho que soltar tudo o que eu estou fazendo pra tomar chimarrão com ele, a gente conversa e daí ele me pergunta como que eu fui no CAPS, ontem eu tava ruim aqui sabe, o C2 surtou sabe e daí eu tava meio tristonha sabe daí ele falou, ah não vejo a hora de me aposentar daí eu fico mais tempo contigo...

E o lazer da Hortência?

Nós temos a nossa chácara, a gente vai todo o final de semana entre Formigueiro e Vila Block, é bem pertinho. Ah eu gosto de lá porque lá foi onde eu me criei né, no S. do L. a cidade onde eu nasci e me criei, alí é uma amizade eu tenho uma amizade muito grande. Eles me levam na... Na sexta feira santa eles me levaram pra beira mar tu sabe, eu tinha... Uns dois dias antes eu tinha tomado uma cartela todinha de clonazepam e tu acredita que aquele dia me deu abalo...

O que te levou a tomar as medicações?

As vezes, as vezes mandou eu tomar remédio, pega! pega! E o meu marido soltou o remédio por que é ele que fica com o remédio, ele soltou a caixa assim sabe e eu peguei aquele e escondi, ele não viu que eu peguei o remédio, eu fiquei no quarto e daí eu pedi mais água pra ele, ah não desceu o remédio me traz mais água e ele trouxe a água e quando ele voltou pra dentro de casa eu tomei todinho. Aí comecei, meu coração começou...Daí eu chamei a C1,C1

a mãe tomou essa cartela toda de remédio e daí ela começou a chorar, daí ela: Eu não acredito que vai acontecer isso de novo mãe! Por que, que tu fez isso? Mãe, daí eu disse eu não sei foi à voz, ela começou a conversar e mãe essas vozes são teu consciente não faz o que ela manda, primeiro fala com nós... Mas não dá tempo, tu faz sem tu ter aquela noção entendeu? Aí o meu coração começou a alterar, aí eu dormi sabe. Mas a tua a consciência, o teu consciente ele mesmo tu dormindo tu vê! Sabe, a C1 chorava o C2 chorava e o meu genro chorava, será que vai acontecer a mesma coisa? Eu ouvi eles dizendo sabe... E eu fiquei dormido, assim sabe parece que eu estava dormindo mas eu não tava dormindo, eu não conseguia apagar totalmente sabe, aí uma hora eu levei a mão assim sabe e aí eu procurei e aí o C1 disse é eu, aí eu me senti segura que era o meu marido que tava ali sabe e aí eu dormi sabe, e aí depois eu dormi mesmo e aí depois eu dormi e aí eu acordei no outro dia de tarde sabe, daí perguntei pra C1 que hora é filha? Ela não foi pra faculdade, ela não foi pro trabalho, ela ligou sabe, aí eu perguntei que hora é C1 aí ela disse assim, o pai já tá quase chegando mãe, ah? Mas e eu dormi tanto assim? Aí ela aé, é que tu dormiu mãe, aí depois que ele chegou eles conversaram comigo, por que que eu tinha feito, que eu não devia ter feito, que eles ficam muito nervoso sabe, aí disse minha filha foi a voz. Ai, a voz é horrível, quando as voz chegam é horrível. O C3 tá me ajudando sabe, mais... Agora eu, a voz veio faz dois dias que ela veio e aí sabe eu, eu disse assim que eu não queria mais que ela viesse sabe, eu quero que tu suma, me deixe em paz!... E agora faz três dias que ela não vem.

O que tu acha que desencadeou essas vozes?

E eu acho que é quando eu fico mais sensível sabe, mais nervosa... Eu gosto de conversar com o C3, bah ele me entende ele me explica, bah... Olha não tem nem explicação ele é muito bom! Eu gosto muito dos grupos, não falho nenhum grupo, eu gosto...

E qual é o sentimento de perceber que essas vozes estão diminuindo?

Tá, tá diminuindo... Ah... Tu sabe que eu tô me sentindo mais... Ah! Como é que eu vou te dizer... Ah! Acho que... Feliz! Poderia te dizer uma palavra assim, feliz! Por que eu tinha... Eu tenho muito medo dessa voz! É uma voz ruim né, uma voz que manda eu me suicidar! É uma coisa que eu não posso fazer aqui, tenho meus filhos, minhas duas filhas, meu genro, meu marido, então eu tinha muito medo dessa voz sabe? E agora eu tenho a parceria do meu marido, por que ele já tá... Ele vê sabe? Ele disse que eu fico bem... sabe e eu ia sair voando, correndo e ele me pegou e disse: Não! O que que houve? É voz né? E eu disse é voz C1, tá

mandando eu sair correndo, mandando eu sair de dentro de casa. Daí ele disse: Não! Mas a casa, essa voz... Não pertence à voz, pertence a nós, a casa é nossa! Tu vai ficar sentada aqui comigo e aí foi que devagarinho sabe que saiu. Mas eu que cuido né, porque eu quero ser muito feliz, sabe.

Como é o cotidiano da Hortência?

Eu sou muito dependente, assim independente, preciso... Não fico sozinha em casa, tem que ter sempre uma pessoa junto comigo... Sabe eu não consigo fazer comida sozinha sabe, eu tenho que ter sempre alguém junto comigo, eu tô... Eu sou muito insegura! Eu venho pro CAPS quando eu tenho que vir com a C2, por que se não ou a minha filha tem que me trazer, então me sinto insegura...

Já utilizou de alguma estratégia para cuidar de si?

É assim, eu já tentei até ficar sozinha em casa sabe, mas as vozes... Parece que quando eu fico sozinha vem aquelas vozes... Sabe que agora com essa geração de renda aí, com as bolachinha que... Fazia acho que um... Quase um mês que eu não ouvia voz nenhuma, que eu não tava ouvindo a voz e agora venho ontem, não! Segunda - feira venho a voz, venho! E me mandou sair pra fora, sai pra fora! E aí o meu marido viu e o meu marido disse que eu fico totalmente diferente e aí o meu marido disse: O que, que aconteceu Hortência, tá ouvindo voz? Eu digo tô C1 e tá mandando eu ir pra fora, não mas tu não vai ir pra fora, quem não pertence a essa casa é a voz! Tu vai embora! E né que ele ficou do meu lado sabe e sabe que foi bem seguido e a voz se foi! Agora eu me cuido, quando eu cheguei no CAPS eu não queria um banho, eu não... Pra mim o meu cabelo podia crescer e ficar né... Agora não... Agora eu gosto de me arrumar, eu gosto de pintar minha unha, eu gosto de andar com a sobrancelha bem feitinha, gosto de pintar o meu cabelo sabe. Hoje eu já tava dizendo pra C2, ai C2 eu tô precisando ir pro instituto pintar o cabelo, agora eu tô me cuidando! E eu vou ficar bem ainda! Vai me ver bem ainda, tu vai ver!

Para Hortência, o que significa felicidade?

Olha essa geração... Não pelo dinheiro, mas pela amizade que nós temos tudo ali na cozinha, maravilhoso! Me sinto muito bem sabe. E hoje lá dei depoimento a, as gurias, sobre a voz, os ouvidores de vozes, aí eu tive que falar né e tudo né, sabe que eu me senti meia... Eu quase que disse assim: já eu não quero nem mais falar né, eu não quero... Não vou mais ouvir voz,

sabe! Aí o C3 quis que eu... O C3 disse: Não tu tem que falar né, que tu é do grupo, sabe? ... Mas eu não tô indo no grupo, eles começam falar, falar, falar da voz sabe e aí eu começo a ficar nervosa e aí eu começo a ficar... E minha cabeça começa assim sabe... Eu prefiro falar com ele sozinha sabe, ele entende... Aha! E eu contei pra ele tudo direitinho sabe e ele me disse assim: Tu tem que entender Hortência, mas eu tenho medo da voz! Então eu não consigo aprender a lidar com ela! Entendeu!? E o meu marido já tá conseguindo aprender a lidar com ela.

Então antes o teu marido não conseguia te ajudar a lidar com as vozes?

Não, porque eu não contava muito pra ele. Aí sabe a minha filha falou e uma psicóloga também lá do Regional falou que é o meu subconsciente... Que eu tenho... Que é o meu subconsciente que eu ouço essa voz, sabe. A minha filha pegou um livro e leu da enfermagem o que fala sobre vozes sabe e aí eu, sabe, também fiquei pensando, sabe: Mas o que, que é subconsciente,? Sabe. Ela disse: mãe, subconsciente é o que tu pensa! Tu sente o medo e a voz vem! Tu não pode ter medo! Tu tem que ser uma mulher de garra como tu sempre foi. Por que eu trabalhei muitos anos fora né, eu era uma pessoa sabe... Ah, eu queria voltar a ser aquela pessoa que eu era, alegre! Comigo não tinha tristeza, sabe. O meu propósito de vida é ser aquela pessoa que eu era antes, sabe... E eu tenho uma irmã, a minha irmã mais nova, a gente não se dá porque ela me chamou de louca né e eu quero mostrar pra ela que eu não sou louca, que eu... Que eu vou ser... Que eu vou voltar a ser aquela Hortência de antigamente. A minha família me trata como eu fosse a Hortência de antigamente, mas eu sei que eu não sou a Hortência de antigamente, é por causa que ...Tem horas que tu sente uma tristeza... Horas que tu... Sabe?

Então Hortência, o que te faz sorrir?

O que me faz sorrir é quando eu tô junto com a minha família, sabe, quando eu tô com as minhas amigas que tu vê que eu tô sempre alegre. E essa aí de geração de renda é que o nome geração de renda, das bolachinha vou dizer, a gente não tá pelo dinheiro, a gente tá pela... Isso aí me faz muito bem! A gente ri, a gente brinca!

ANEXO-B

NARRATIVAS DE MARGARIDA

Como está sendo pra ti participar da oficina de geração de renda?

Pra mim é uma gratificação porque eu gosto muito de aprender e eu já trabalhava em confeitaria, trabalhei em restaurante, então isso aí pra mim é mais uma confiança pra mim aprender mais e me sinto bem, me realiza ali com os colegas, levo na palhaçada e ali vai surgindo o grupo e fica legal, as pessoas gostam das minhas brincadeiras então vai em frente.

O que a levou a participar da oficina de geração de renda?

Um amigo meu me convidou. Eu já participava da cozinha né, da parte da manhã, mas só que eu entendi outro tipo que era, ele me disse que era oficina rendeira né, e eu entendi que era de tecido!(risos), mas vamos lá eu disse! Foi por engano e eu fui atrás dele né, a Maria vai com as outras, aí cheguei lá mas o combinado mas eu já faço eu pensei assim e agora meu Deus eu disse, pensei, aí a C3 disse ... Pois é ele me convidou pra vir e eu curiosa vim, aí ela disse não, ela disse não tem problema se quiser ficar neste grupo, não tem problema, só troca o horário, aí eu digo não pra mim é melhor ainda só de tarde, mais eu fui por curiosa. (risos)

Enquanto amassava os ingredientes na oficina, quais foram os sentimentos; as sensações que surgiram?

Além de me trazer algo da infância eu me realizo ali na cozinha, com o pessoal tudo brincando e então faz parte do meu trabalho que é um ... Que vai em frente que eu não parei, que eu me aposentei faz três anos, então eu não me sinto assim aquela aposentada inútil né, que eu segui em frente no grupo, muito bom, os colegas são tudo parceiro a gente trabalha junto e eu levo na brincadeira, que tudo tem que colocar a mão na massa, mas quem coloca a mão na massa primeiro tem que ser eu (risos), se não eu não tô realizada (risos) e as outras tudo ficam assim: Eu quero! Eu quero! A Margarida já pegou a massa! Então me sinto realizada né! (risos)

Como foi a tua infância, quais as lembranças que surgem?

Eu comecei a trabalhar com nove anos, tomava conta da casa, cuidava quatro sobrinhos porque a minha família era pobre, era e é né. Então viviam na roça, a mãe e o pai iam pra roça com os outros irmãos e eu ficava em casa tomando conta. Quando eles chegavam tava tudo pronto, então dali nunca parei até hoje ... É bom porque eu já desde pequena aprendi o que que é a vida e da onde vem, porque se ganha de graça, não tem valor, tu sabendo que vem do teu suor tu valoriza e tu sabe da onde vem e foi o que eu aprendi e passei pro meus filhos também a mesma coisa desde pequena saber valorizar e trabalhar com o esforço deles pra eles terem o que eles tem hoje. É muito gratificante saber que eu tive uma educação, aprendendo, sabendo e cada vez a gente aprende mais, que a vida não é só vamos parar ali, faz uma coisa e deu, a vida segue em frente sempre a gente aprendendo mais e mais, quando a gente quer né!? (risos)

Quais os sonhos de Margarida?

O meu sonho é agora daqui pra frente seguir nesse grupo e fazer muitas viagens com esse grupo é participar e passar pra frente o que nós aprendemos e levar o CAPS em frente e com o nosso nome, se Deus quiser.

Como é o teu cotidiano?

O meu dia a dia é corrido fora do CAPS, porque eu moro praticamente sozinha né, moro praticamente sozinha em casa, então é tudo eu que faço, é mercado, é tudo. E tenho a criação já me levanto com a criação é galinha, porco é cavalo, tudo a volta ali, tudo é eu que cuido.

E as amizades?

Eu tenho muito pouca amizade, muito pouca amizade. Tenho amizade com o povo da rodoviária, que eu trabalhava na rodoviária né, na limpeza ali na lancheria, de vez em quando eles me ligam e às vezes vão lá em casa e alguns aqui do CAPS, são poucos. Uma porque eu sou reservada (risos), mas ali eu sou mais safada mesmo, (risos) é ali eu sou mais solta naquele grupo, sou mais livre como diz o outro eu me sinto em casa como diz o outro, aí eu me sinto tranquila.

O grupo da oficina te acolhe nos momentos ruins?

Tu sabe que eu até prefiro vir quando eu tô ruim, que aí eu chego ali, conversa fala uma coisa e fala outra ali e a C3 é muito legal também né, o grupo acolhe é muito acolhido, ela fala e fica naquela dúvida e aí eu já começo a me soltar e é a paz!(risos) Fico tranquila e ai passa tudo aquilo... E ai eu começo a botar a mão na massa e acabou.

O que é felicidade para a Margarida?

A felicidade é estar com os amigos que eu me sinto bem né e com os meus filhos são muito... É muito boa... Eles moram em Santa Maria, então quando um sai que fica o outro vai, inclusive a minha filha fazia dois dias que tinha ido pra casa né, que ela tava lá, aí hoje foi lá em casa só ela e o marido, deixou a filha na creche que tem um ano e sete meses, pra ver se eu tava fazendo comida pra comer, foram almoçar comigo e eu fiquei, mas por que vocês vieram, vocês vieram sem a C1 não tem graça pode voltar eu quero a C1 (risos), ae ela disse, ah eu sou a sua filha, não mas o que vale é a minha neta, tu eu já te criei eu quero ver a minha neta, eu levei na brincadeira né, aí porque vocês vieram sem a C1, viemos te ver, dez e meia da manhã, ai eu digo ah que gracinha sem a C1(risos).

E como é a tua relação com a família?

Eu disse pros meus filhos que eu ia viajar no dia das mães, aí eles disseram que eu não tinha mãe, que faz um ano que eu perdi, ah não mãe deste dia eu não abro, porque nós temos mãe!(risos), não abre mão (risos) ah tá então tá bem, eu queria só saber de verdade se vocês tem mãe, aí disseram Deus o livre mãe, nem fala isso... É porque ... Lembra muito dela, eu sempre tava junto com ela, aniversário dela, dia das mães, natal tava sempre junto, ah não abria mão desses dias ... eu tava sempre com ela.

Como foi o dia das mães? Quais os sentimentos que surgiram nesse dia?

Foi bem bom os filhos foram tudo pra lá e os netos, uhum... foi bem bom...reunimo a família toda, tiremo foto tudo junto. Tava feio o tempo mas passamos de churrasquinho lá fora (risos), tava bem bom. Passaram o dia lá, foram de manhã e voltaram de tardezinha pra casa. Eu me senti privilegiada por que eles nunca deixam de passar o dia das mães, sempre se reúnem junto. E o mais moço achei que não ia tá no dia das mães, mas ele conseguiu pegar no quartel né, aí dispensaram ele pra ir, aí o mais velho foi buscar ele lá, aí passou o dia.

Teve vontade de viajar? Como foi lidar com esse sentimento, fez sentido?

É que deu! É aí eu fiquei com eles né, não tenho mais mãe, aí mas eles tem né, tenho que ficar com eles agora né, fez bastante sentido, claro que não preenche a mãe né, mas eles estavam aqui comigo né, aquele vazio continua né ... Que a mãe é mãe né, mas eu vou, uma hora descer lá pra acender umas vela pra ela...

E como foi estar com a netinha neste dia?

A netinha junto aprontando bastante (risos), aprontou bastante e o mais velho também (risos), mas um com fica com ciúmes do outro, ela puxa o grande, é só: a vovó, a vovó é só dela, a vovó é só minha! Aí o outro fica enticando: É minha, minha, também!(risos) e ela fica bem brava, não, não, não a vovó é minha (risos).

Como está sendo pra ti estar aqui e a saúde como vai?

Foi ... É! Do estado que eu cheguei aqui estava feia a coisa, se não fosse à doutora C3, eu não sei ... Me ajudou bastante com medicamentos e o pessoal daqui também que me botou em grupos e ali eu fiquei até hoje, de vez em quando eu escolho um grupo diferente, como agora o de geração de renda eu entrei por curiosa e (risos) fazendo agora eu me boto só na massa, imagina se não sai a massa!(risos.) Bah, ontem eu cheguei em cima da hora, tava chovendo e bah eu vou ficar em casa, aí fiquei pensando mais e as outras lá vão ficar mal, aí eu disse pra mana, a mana: Tu não vai mãe lá no CAPS? Ah eu tô pensando em ficar em casa, mas tu não tem compromisso de fazer a massa que tu falou? (risos) Eu digo olha, compromisso eu tenho, mas tem as outras lá que fazem, eu ajudei elas a fazer também, vão fazer, se eu não tá, tem que se virar, aí diz a mana: Tu vai sim! Pode ir lá fazer a tua massa! E eu cheguei aqui tava a C3 e as gurias apavorada que eu, (risos) não ia vir. Margarida! Margarida! Sobe! Sobe! Que já tá na hora! Era 2:20, vamo lá que já tá na hora, apavorada e as outras, a C2 disse que ia me buscar de guincho pra mim fazer a massa, se eu não vê, tive que achar graça dela: oh mas se tu não viesse não ia sair a massa eu ia te buscar de guincho! E tu já pensou né!(risos)

O que te fez frequentar o CAPS?

A perda do meu pai que ele se matou e aí eu entrei em depressão, mesmo trabalhando, tentei trabalhar, trabalhei mais três anos depois que o pai se matou, mas daí não consegui mais

trabalhar, aí eu entrei em depressão, aí vim a procura do CAPS, que o meu irmão se tratava aqui já, aí tô aqui até hoje ...

Em relação à identidade, quem é a Margarida de hoje?

Agora é... Agora aqui é outra! Que faz as coisas, que consegue compartilhar com as pessoas, antes eu ficava em casa trancada dentro de casa sem ir pra lado nenhum. Ficava até semanas dentro de casa, não via nem o sol, não saia pra fora da porta da casa. Ficava só dentro de casa, uma semana eu fiquei daí não... Pode sair, vai ter que ir vamo lá e vamo vê, pra ti te tratar, ela disse não tem fundamento trabalhar com ... E aí a ... Aquela a patroa disse que eu não podia tá assim, que eu tinha que tá trabalhando, mas eu não vou trabalhar, sair me perdendo por aí eu vou ficar em casa, não tenho como trabalhar, o meu colega ficava, achava que eu tava me fazendo, porque tem uns ponto na máquina que é fazer a massa de pastel né, aí tem que fazer três ponto diferente pra ficar a massa bem fininha e modela ela pra ir rechea, era em dois, aí vinha dia que eu virava a cabeça e não conseguia fazer era nada, nada mesmo aí foi um dia que eu disse se tu quiser que eu trabalhe contigo tu, a hora que eu descontrolar a máquina tu controla, aí é outra coisa se não eu vou começar ir no médico, aí deu pra ti e foi o que eu fiz! Parei e fui no médico e aí fui ficando, fui ficando aí até que me encostei aqui, não deu mais pra trabalhar, só em casa, eu entrava e nem trabalhava aí depois que eu entrei aqui que a doutora C3 me picou e me deu as coisas dai eu voltei ativa de novo, agora se eu não tivesse os remédios certo, ah ah ... Tava uma parasita, eu fiquei num estado crítico... Só Deus sabe...

Qual é a sensação de estar aqui neste momento?

É muito bom tá aqui contigo e que eu tenho feito... Uma pessoa especial que entrou no nosso grupo pra olha e eu te botei, te botar a mão na massa (risos), E tu mesmo não sendo do grupo tu seguiu com a mão na massa, deu certo! (risos)

O que te faz sorrir?

Ah é fazer o que eu gosto as coisas com vontade e com emoção e vendo as outras colegas querer aprender junto, é muito bom isso aí!

E quando não está bem, o que faz pra se sentir melhor, já aprendeu a se cuidar?

Eu tô aprendendo ainda, às vezes eu tento tirar alguns remédios, pois eles me deixam muito zozna da cabeça, que aí eu não... Tem dias que eu me levanto e eu não consigo fazer o meu serviço direito, aí eu tiro algum remédio, mas não é legal porque judia ... É eu falei com ela que eu me acordava com dor de cabeça e coisa, aí disse pra ela é o tal remédio, daí ela disse ah não, não... Tá com dor de cabeça, perai vamos trocar vou te dar um outro pra ti dormir direitinho e vamos ver o que vai dar é agora eu tô bem graças a Deus, deu outro...

